

A alteridade na/da própria língua

Mestre Graciela Ortiz (UNR)

Resumo:

*Na presente comunicação abordarei os romances *La Québécoite* da escritora franco-canadense Régine Robin e *La profesora de español* da argentina Inés Fernández Moreno com o intuito de indagar contrastivamente os modos em que ambos os textos constroem as representações ficcionais da alteridade. Esses relatos estão centrados nas vivências de duas mulheres exiladas - a protagonista da *Québécoite*, francesa, emigra a Montreal, a da *Profesora* vai para Espanha - que se defrontam com os desafios de viverem em culturas diferentes, de lidarem entre espaços e memórias do que deixaram e o presente que as leva, às vezes, ao confronto com as diferenças radicais. A língua apresenta-se nos relatos como um problema central, pois ambas as protagonistas falam as mesmas línguas dos países para onde emigram, que são as mesmas e, contudo, são outras.*

Palavras-chaves: migrante, estranhamento, língua.

Introdução

Na presente comunicação, procuramos indagar os modos em que se representam as figurações do Outro em dois romances contemporâneos. Trata-se de *La profesora de español* da argentina Inés Fernández Moreno e de *La Québécoite* da escritora franco-canadense Régine Robin. Os dois relatam as vivências de duas mulheres exiladas -a protagonista da *Québécoite*, francesa, emigra a Montreal, a da *Profesora* vai para Espanha- que se defrontam como todo migrante com a necessidade de lidar no quotidiano com as diferenças que surgem do confronto entre os horizontes culturais diversos, com a necessidade de construir novas referências para atenuar os efeitos, às vezes arrasadores, do desenraizamento. Afirmo Janet Paterson (1998) que indagar as configurações da alteridade na ficção leva o crítico a estabelecer não só as relações opositivas entre os personagens, mas também a situá-los em relação ao grupo social, comunitário, a respeito do qual eles ou ele situam-se como Outro, sem esquecer a identificação de quem os enuncia como o Outro.

Desde as margens

Tanto a narradora da *Québécoite* quanto a protagonista da *Professora*, através do narrador, situam-se na posição do Outro a respeito das comunidades aonde chegaram como migrantes. Isabel, a protagonista de *La profesora de español*, abandona a Argentina após a crise econômica de dezembro de 2001. Chega a Benalmar, no Sul da Espanha com o visto de turista, porém ela sabe “que muy pronto dejará de ser una turista, será una “irregular”” (p.16). Essa situação estabelece uma diferença significativa entre ambos os relatos quanto à vivência do quotidiano, pois a *Québécoite* não é ilegal ao passo que o dia a dia de Isabel é acompanhado pelo temor de ser denunciada à “Extranjería”, ela anda pelas ruas da cidade presa da paranóia de se sentir observada por aqueles que, por pertencerem ao lugar, por serem daí, têm o poder de denunciá-la. “Todos ellos pertenecen naturalmente a su mundo”. Frase que sugere a tensão entre a insegurança e o medo dela que fica fora desse mundo e a tranquilidade dada pelo sentimento de pertencer, de ter raízes que desfrutam

os que são dali sugerida pelo advérbio “naturalmente”, pertença sem esforço nenhum, de maneira natural a um mundo do que eles são proprietários pois é “seu mundo”.

Nesse sentido, não é outro o sentimento experimentado pela narradora de Robin “Quelle angoisse certains après-midi – Québécoité – québécoitude – je suis autre. Je n’appartiens pas à ce Nous si fréquemment utilisé ici – Nous autres – Vous autres. (p.53). Distância que a afasta dessa comunidade que se auto-identifica com orgulho nacionalista desde a essência de sua “québécoité”, salientando a pertença, através desse “Nous”, à comunidade dos chamados “québécois pure laine”. Porém, há no título do romance um gesto de reivindicação da sua diferença, dessa posição do Outro onde ela se situa. Ela não é “québécoise” como a chamariam se tivesse nascido no Quebec, identifica-se como a “Québécoite” neologismo entre “québécoise” e “coite” que significa aquela que cala “Québécoite. Tu ne parleras pas. La voix muette, scellée... la parole immigrante... elle déraile, dérouté, détonne”. (p.88) Se a voz do imigrante emudece, a palavra migrante vem perturbar, desarranjar as coisas.

Se as protagonistas situam-se como o Outro a respeito das comunidades montrealenses ou de Benalmar, podemos-nos perguntar como nos romances as próprias personagens imaginam serem consideradas, avaliadas pela comunidade. Na Argentina, utiliza-se o termo “gallegos” para se referir de modo geral aos imigrantes espanhóis, não só aqueles nascidos na Galiza. Essa alcunha tem muito de pejorativo quando utilizado para designar um indivíduo sem muitas luzes (devo dizer que, paradoxalmente, uma quantidade considerável de argentinos são descendentes de espanhóis). Ao ir para a Espanha, fazendo a viagem às avessas dos seus ancestrais espanhóis, Isabel vive a mesma situação de marginalidade sofrida pelos imigrantes espanhóis ao ponto de auto-identificar-se como os “nuevos gallegos” pelo fato de ter que fazer qualquer trabalho para sobreviver. Mas não se trata só de reproduzir especularmente uma situação passada. Ser o Outro na sociedade a leva a considerar que qualquer coisa errada que ela pudesse fazer carregaria como consequência que os espanhóis a considerariam como uma “sudaca”, introjetando a maneira em que os sul-americanos imigrantes são chamados na Espanha, apelido que tem a mesma carga de desprezo e preconceitos que “gallego”.

Por sua vez, achamos no romance *La Québécoite* uma referência muito reveladora no que diz respeito ao modo como os quebequenses poderiam considerar a narradora, de origem francesa. Imagina a personagem feminina adaptada ao meio social, deixando de lado seu eurocomunismo, casada com um quebequense de tradição, amante dos passeios de raquete de neve. Então, qual o detalhe necessário para que a sua integração seja perfeita? Segundo o olhar da narradora “Il lui aurait fallu faire oublier sa trop visible “francité”, son accent où percerait sans qu’il y paraisse un je-ne-sais-quoi d’impérialisme culturel, ses années de Sorbonne” (p.105), a sua origem transparecia no acento, sutil marca que lembraria aos quebequenses o tempo das relações coloniais com a França assim como a posterior dependência cultural com a França, condensados em “imperialismo” e a Sorbona como emblema da cultura do colonizador, admirada e rejeitada.

Escansão de tempos convulsos

Assemelham-se os romances na maneira em que se conjuga a temporalidade dominante nos discursos narrativos com a alteridade dos personagens. O romance de Fernández Moreno se constrói pela mediação de um narrador que focaliza seu relato em Isabel. Narrando em tempo presente, seguimos na leitura o dia a dia de Isabel, um continuum onde o passado e o futuro não contam como horizontes existenciais, atualizando assim o sentimento dessa exilada que afirma “el pasado se vuelve incierto, ilusorio, ya que nadie lo menciona” (p.15), no que respeita ao futuro, que não é mencionado, tal silêncio talvez esteja relacionado com o medo do que virá, alicerçado muito provavelmente no risco de ser deportada por ilegal.

No caso da *Québécoite* o tempo fundante é o condicional. A narradora, que se identifica como francesa migrante que mora em Montreal, tenta escrever um romance em que a personagem principal é uma francesa emigrada em Montreal, que bem podemos identificar como seu alter ego. A narradora toma distância enunciativa utilizando a terceira pessoa para se referir a essa mulher, para quem constrói três vidas diferentes que ocupam cada um dos três capítulos em que está dividido o romance. Essas vidas variam em consonância com a nacionalidade e a atividade de cada companheiro assim como do bairro onde moram. Cada variação representa justamente uma possível vida que, por seu caráter hipotético, se inscreve no discurso no condicional abrindo-se assim para um futuro, a diferença do outro romance. Porém, ela carrega em si as nuances da incerteza.

No início do texto, a narradora da *Québécoite* se impõe um programa de tarefas que deve seguir para conseguir escrever o relato que deseja, isto é, segundo afirma a própria Robin no posfácio “reprenant les techniques du collage, [que de] fictionnaliser l’inquiétante étrangeté que crée le choc culturel, d’autant plus grand chez moi, qu’il avait lieu dans une langue commune” (p.207). O livro abre-se com uma epígrafe de Edmond Jabès onde ele exprime seu desejo de escrever um livro que não pertença a nenhum gênero, “un livre enfin qui ne se livrerait que par fragments dont chacun serait le commencement d’un livre”. O relato de Robin dá-se como resposta à proposta de Jabès, pois *La Québécoite* configura-se como uma ficção, mas tem traços autobiográficos, há fragmentos próximos da crônica, poemas, listas compridas que reconstroem as percepções da narradora no deambular na cidade de Montreal. Fragmentação, deslizamentos, pulos temporais, repetições são alguns dos procedimentos utilizados pela escritora para dar conta, ficcionalmente, do imaginário de uma migrante concretizando a intuição/autoimposição com que começa o relato: “Pas d’ordre. Ni chronologique, ni logique, ni logis” (p.15)

A estranheza da própria língua

Nos dois relatos, a língua aparece como um lugar privilegiado de representação dos confrontos culturais. A *Québécoite* e Isabel, ao falarem a língua dos países para onde emigram gozam de uma situação de privilégio pois não lutam com a alteridade radical de uma outra língua, como acontece a grande número de migrantes. Porém, trata-se da mesma língua e ao mesmo tempo de uma outra, situação que leva as protagonistas a se perderem nela, a se acharem dentro e fora dela. A própria língua está na origem do sentimento de estranheza experimentado pelas duas mulheres, ela devém um espaço conflituoso que terá diferentes significações para ambas.

Isabel consegue sobreviver em Benalmar, cidade mediterrânea perto de Málaga, na Costa do Sol, graças às aulas de espanhol que dá aos turistas estrangeiros. Eles chegam nessa cidade com o desejo de aprenderem a língua do país, o que explica o título do romance. O que a sustenta em Benalmar é “su trabajo como profesora de español, con su cúmulo de dudas, sus diálogos impostados, de ambigüedades” (p.175), incertezas mais angustiantes ainda porque ela tem seu ganha pão com o ensino, pois tentou escrever alguns artigos para revistas mas eles lhe foram devolvidos porque estavam cheios de “argentinismos” e a sua pronúncia também é “errada” pois não se escutam bem os “esses” e além disso utiliza palavras que ninguém conhece, inclusive chegam a lhe dizer “Es que tú hablas tan mal” (p.78). Assim, as diferenças que surgem pelo uso de uma variedade da língua atrelada a outra memória cultural, são censuradas como erros que junto com a situação de irregularidade situam Isabel ainda mais nas margens da sociedade.

Consegue sua primeira oportunidade de trabalho para dar aulas de espanhol a duas meninas iranienses porque ela tem mobilidade própria e fundamentalmente porque não exigem papéis. Tem que fazer trinta quilômetros todo dia da semana se arriscando “aferrada al volante con una determinación casi suicida” vencendo “la resistencia de animal acorralado que le despierta cada viaje” fazendo ouvidos surdos às “profecías que le sopla la voz del miedo” experimentando porém,

ao mesmo tempo, o sentimento de “blanda complacencia” que lhe produz o fato de ter “un objetivo claro en el día” (p.17)

Essas viagens diárias a conduzem a um encontro com um Outro marcado por uma opacidade que poderia parecer total. Mas na verdade, esse Outro situa-se no mesmo lugar que Isabel, as iranienses sofrem como ela a perda de referenciais e ainda mais da língua. Ao não saberem nem espanhol nem inglês. “las clases son cómicas, llenas de gestos y de teatralidad”. Cada aula é uma viagem de aproximação ao Outro onde o encontro se produz na língua construída. “Lo bueno del lenguaje que comparten es su falta de precisión, fragmentos sin una sintaxis rigurosa, el significado queda liberado, a disposición de los deseos y angustias de cada una”. (p. 25)

Mas as aulas representam também para Isabel a experimentação dos limites escorregadios da própria língua. Para ensinar a terceira conjugação se serve do paradigmático verbo partir sempre utilizado em espanhol.

Isabel hace una valija imaginaria, saluda, parte. ‘¿Dddu partir?’, pregunta Nazir. ‘Io partí de Buenos Aires. Tú partiste de Teherán’. ‘Partir también es esto’ dice Isabel, y con un cuchillo parte una manzana en dos. Después enmudece. Acaba de entender el significado de partir, dividir, separar. Así ha quedado ella, partida en dos. Y Nazir. (p.24)

A prática de ensino do espanhol a leva a refletir sobre os limites da língua que são em verdade seus próprios limites. A estranheza da própria língua acompanha-se da compreensão epifânica e dolorosa de plurissignificação das palavras tanto mais pelo fato de ela se colocar como ancoragem da reflexão metadiscursiva.

Mas também, quando a vida do dia a dia se faz muito difícil ou quando as relações com os de lá se tornam mais que complexas é na língua que encontra conforto, pois “Aunque la lengua se le haya vuelto brumosa, siempre encuentra consuelo en ella. Existen reglas gramaticales, el orden lógico de la sintaxis, la teoría de los tiempos” p.175

Na *Québécoise* trata-se também de achar uma ancoragem mas na própria língua para conseguir construir o texto desejado. “Serait-il possible de trouver une position dans le langage, un point d’appui... quelque chose qui ancre la parole alors qu’il n’y a qu’un tremblé du texte [...]” p.19. Tarefa sem dúvida difícilima pois a narradora sente-se “En exil dans ta propre langue. Le leurre de la langue. Ni la même, ni une autre”. (p.183) Ancorada sim, mas nas armadilhas de sua língua. A narradora estabelece uma prioridade “Fixer cette étrangeté avant qu’elle devienne familière [...]. Traversées, les nostalgies ne se laisseraient pas apprivoiser. On ne pourrait pas les décomposer. Elles s’imposeraient d’emblée” (p.15). A escrita é o meio que se dá para dar luta às lembranças do passado parisiense que se defrontam com as vivências do quotidiano montrealês, é o registro comparativo entre ambos os horizontes que lhe permite defender-se do peso das nostalgias, não ficar presa delas. E desenha também as estratégias para executar seu plano: “Il fallait faire un inventaire, un catalogue, une nomenclature. Tout consigner pour donner plus de corps à cette existence” (p.19) e mais adiante agrega “Noter toutes les différences. Ne rien oublier, ni les marques de dentifrices [...] Pénétrer l’étrangeté de ce quotidien” (p.138). Os objetos que a narradora visualiza no seu quotidiano são inventariados em compridas listagens no relato, apropriação simbólica através da palavra escrita que dá “corps à cette existence” diminuído as capas de estranheza que envolvem até os mais simples objetos como os dentifrícios.

Registro não só do que vê mas também do que escuta “Des voix rauques, des voix chaudes, entrecroisement des voix – je les touche – je les palpe – je m’y love – I love you – bouts de quotidiens mornes” (p.17) apalpar o impalpável das vozes através das palavras, significantes onde ela se refugia “je m’y love” escorregando de “love” em francês à grafia de “love” em inglês, refúgio em francês que em inglês transforma-se em amor, jogo de palavras que evoca o contato e os deslizes entre as duas línguas que coexistem em Montreal num convívio que desnorteia, às vezes, a

um francófono “Je ne comprenais pas le pourquoi des ventes sales, sinon qu’elles n’étaient pas le contraire des ventes propres” (p. 53)

A procura de se fazer um lugar na linguagem criando um mundo feito de palavras, a perda do fio do relato que está escrevendo “En exil dans sa propre langue” (p.95), e a retomada dessa auto-imposta ordem inicial “Tout consigner pour donner plus de corps à cette existence” quase nos mesmos termos, em pelo menos quatro ocasiões, dá-nos a idéia das dificuldades da empresa. Pois não se trata só das palavras deslocadas que remetem a objetos simples, há também o deslocamento dos nomes próprios, como aqueles utilizados para designar em Montreal espaços em espelho de lugares parisienses. Perto do bairro da Universidade do Quebec há um bairro latino “Des noms familiers. Quartier latin, Saint-Denis et pourtant. Elle se sentirait au fond de ces cafés beaucoup plus dépaycée que sur la Main. Le langage, les noms propres seraient des pièges” (p.148). Assim, a utilização de nomes próprios de cafés e bares parisienses para designar seus equivalentes montrealeses, que poderiam construir uma ponte entre a vida parisiense e a montrealesa da narradora, aumenta, pelo contrário, o sentimento de estranheza que a domina, sente-se mais a gosto na rua “Main”, a mais cosmopolita e representativa de cidade de Montreal, que nada tem a ver com a cidade de Paris.

Constatamos no texto de Robin a presença de outras línguas como palavras em inglês que remetem à outra língua onipresente em Montréal, mas também palavras em alemão, letras em hebreu, consignas em espanhol. Isto porque o imaginário dessa migrante, antes de partir da França, já estava povoado de memórias que se contavam em yiddish, de leituras compostas no alfabeto hebreu, lembranças daquele Paris de 42 ocupado pelos nazis e do risco para uma menina judia de ser descoberta, medo que se escreve em alemão. Daí a presença no relato de todas essas línguas.

O romance de Fernández Moreno oferece-nos a possibilidade de tecer instigantes correspondências entre as viagens, a situação de aprendizagem de uma língua e a identidade do exilado. Transcreve Isabel uma frase que encontra num jornal: “Despojados de lo propio y cotidiano, el viaje nos invita a conocer nuestro contorno más íntimo”. (p.176). Segundo a frase, aquele que decide partir é espoliado da tranquilidade do conhecido, assim, “nu”, o viajante se afasta da morada numa viagem que pode ser vivida como um convite, - gesto amável oposto à espoliação que contém a idéia de violência - para conhecer sua interioridade, seus próprios limites. Em momento nenhum fala-se do Outro. Porém, sendo a viagem um dos modos privilegiados do encontro com o Outro ao levar a quem parte a tomar contato com espaços e pessoas desconhecidas, podemos inferir que o que a frase silencia é a mediação necessária para chegar ao conhecimento íntimo.

O exílio provoca no indivíduo o que Isabel experimenta ao carecer de referenciais “La identidad se disgrega y uno queda desnudo frente a los desafíos, los sentimientos aparecen en crudo, salvajes.” Poderíamos acrescentar que, assim como acontece numa viagem, os exilados são “espoliados do próprio e do cotidiano”. Mas Isabel estabelece uma comparação “Como el aprendizaje del idioma para cualquier principiante, sólo persiste lo elemental, el entretejido de los matices desaparece” (p.152) como no ensino de espanhol às iranienses, onde cada aula é uma viagem ao encontro do Outro numa língua simples “Lo bueno del lenguaje que comparten es su falta de precisión, fragmentos sin una sintaxis rigurosa, el significado queda liberado, a disposición de los deseos y angustias de cada una”. (p. 25). Assim, perante a desagregação da identidade, juntam-se os cacos pela mediação de uma língua elementar, aprendida e construída junto com o Outro.

Conclusão

A língua apresenta-se nos dois romances estudados como o espaço onde se localizam as maiores tensões produto dos confrontos culturais que levam a narradora de *La Québécoise* e a personagem de *La profesora de español* a se defrontarem com a alteridade da própria língua. Relatam-se também as transformações que ambas experimentam decorrentes do fato de viverem como migrantes; no caso de Isabel, o mergulho na sua interioridade que a leva a se confrontar com seus próprios limites; no da narradora, o desafio de levar adiante a escrita de um relato sem ordem nem cronologia.

Uma diferença importante entre ambos os romances: Isabel vai para Benalmar a consequência da crise econômica que arrasou a Argentina em 2001, seu único objetivo é juntar dinheiro para depois voltar a seu país. O tempo todo de sua permanência na Espanha é marcado pela precariedade, por ser uma imigrante ilegal e pobre, mas também pelo sentimento do provisório, ela está lá só de passagem. Inclusive rejeita a idéia de comprar um móvel pois “todo su instinto se retrae ante la idea atroz de echar una pequeña raíz en Benalmar, a diez mil km de su verdadera casa” (p.102).

Diferente é a situação da narradora de *La Québécoise*. Emigra para Montreal com o intuito de ficar nessa cidade. Porém, os três capítulos do romance que a narradora está escrevendo sobre uma migrante francesa acabam da mesma maneira, ‘ela’ volta sempre no final a Paris pois não consegue resolver a angústia de ficar sempre por fora dos acontecimentos. Contudo, toda volta implica assumir as diferenças entre aquele que foi embora e aquele que regressa porquanto a experiência da desterritorialização modifica o imaginário migrante. Se a personagem de Robin volta, a cidade de Paris que ela percebe já não é mais aquela que deixou, pois as paisagens parisienses entrecruzam-se com as neves longínquas, com o rio São - Lourenço preso dos gelos inverniais. A narradora que só volta por procuração através de sua personagem, exprime com extrema clareza a sua aprendizagem como migrante, “Désormais le temps de l’entre-deux. Entre deux villes, entre deux langues, entre deux villes, deux villes dans une ville” (p.63)

Ambos os relatos tem muito de autobiográficos, Robin e Fernández Moreno vivenciaram elas mesmas a experiência da migração. Se o relato de Fernández Moreno está construído desde a saudade, o de Robin o está com a consciência do migrante que tem que lidar com esse tempo do entre-dois. Ambas, como escritoras, situadas na posição do Outro, nas margens das sociedades, determinadas pela não pertença, experimentaram talvez o que Isabel intui no começo do relato ao comprovar a desagregação da identidade do migrante “se puede empezar a ser cualquier cosa, cualquier otro. Hay en ese reiniciarse una desintegración y una pesadumbre pero también una vibración de curiosidad que en algo se parece a la alegría” (p.15). Pensamento que ecoa as reflexões de Juan José Saer sobre a situação do escritor e o exílio:

Respecto del país natal, el extranjero es una especie de limbo, y una suerte de observatorio también: es evidente que, después de cierto tiempo, el escritor exiliado flota entre dos mundos y que su inscripción en ambos es fragmentaria o intermitente. Si la complejidad de la situación no lo paraliza, esa vida doble puede ser enriquecedora. (SAER, 1997, p.80)

Referencias bibliográficas

FERNÁNDEZ MORENO, Inés. *La profesora de español*. Buenos Aires: Alfaguara, 2005

ROBIN, Régine. *La Québécoise*. Montréal: XYZ, 1993

PATERSON, Janet. “Pour une poétique du personnage de l’Autre” en *Texte. Revue de critique et de théorie littéraire*. “L’altérité” N° 23/23. 1998.. Ed. Trintexte. Trinity College, Toronto, Canada.

SAER, Juan José. *El concepto de ficción*. Buenos Aires: Ariel, 1997.